



## **A PERFORMANCE ANTROPOLÓGICA NO ENSINO DE ARTE**

### **EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E MEMÓRIA**

*Julio Cesar Gonçalves Soares<sup>1</sup>*  
(*jcaplusk9419@gmail.com*)

#### **Introdução**

A pesquisa iniciou-se com o objetivo de entender a *performance* para além da arte, de modo que há indícios de sua existência em diferentes campos sociais, denominando-se assim como antropológica. A história da humanidade é composta por seres, de modo que, seus costumes, suas origens, evolução, desenvolvimento físico, crenças, características raciais, costumes sociais e culturais passam a ser estudos constantes no limite das artes, assim como da antropologia como estudo central. A linguagem da *performance* nos proporcionará uma aproximação maior de compreensão com a plurificação de identidades mantidas pela repulsa, vista pelas lentes do outro. Ruth Benedict<sup>2</sup> escreveu em seu livro, *O crisântemo e a Espada*<sup>3</sup>, que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo” (LARAIA, 2004, p. 70).

A referida pesquisa visa analisar e correlacionar por meio da *performance*, em âmbito social, institucional e individual, as diferentes identidades do sujeito moderno. Buscando partir em direção a novas formas de se pensar a *performance*, não somente como uma linguagem artística, mas também como um instrumento da relação humana. Ao ser iniciada a pesquisa, alguns questionamentos foram surgindo, um deles é: até que ponto a *performance* contribui para pensar as relações sociais, o eu e o outro, afim de deixar o julgamento de lado?

#### **Contribuições plurais**

A *performance* é uma modalidade artística interdisciplinar, que veio para transgredir o cenário da arte atual, desmistificando o olhar do leigo sobre a arte apenas como pintura, escultura e artesanato. De fato, “a *performance* mudou a partir dos anos

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Artes Visuais Licenciatura pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC; Professor da rede municipal de Criciúma; Integrante do Grupo de Pesquisa em Arte (GPA).

<sup>2</sup> Antropóloga americana (1887-1948).

<sup>3</sup> Primeira publicação 1946.



80 e teria deixado de ser uma função (transgressiva) para passar a ser um gênero artístico entre outros”, como defende a pesquisadora Josette Féral (1992, p. 148).

A *performance* situa-se em dois módulos,

[...] no limite das artes plásticas e das artes cênicas, sendo uma linguagem híbrida que guarda características da primeira enquanto origem e da segunda enquanto finalidade (COHEN, 1987, p. 7).

Essa afirmação nos faz pensar que a linguagem da *performance* não está inserida apenas em movimentos artísticos, ao ampliarmos o olhar para o modo de vida da sociedade, perceberemos que os sujeitos performativos somos todos nós. Um exemplo disso seriam as divisões que ela poderia apresentar, como a *performance* antropológica e a artística. Para refletir sobre *performance* antropológica toma-se como base os escritos de Victor Turner (1920-1983), antropólogo britânico, reconhecido por seus trabalhos com símbolos, rituais e ritos de passagem. O termo, antropologia da *performance*, está muito ligado à performatividade, ou seja, a um sujeito performativo que está inserido no contexto social, o qual se apresenta socialmente ao público, seja em shopping centers, nos terminais de ônibus, no trabalho, nas mídias sociais e em diversos meios expansivos.

Pode-se, ainda, pensar no próprio ser, a partir das expressões de gênero, sua sexualidade, a identidade romântica, as *drag queens*, entre outros. É um modo inerente de enxergar a vida social como um conjunto de atos performativos que integram, dramatizam, comunicam e modificam o espaço e o status social. A *performance* artística trabalha com o discurso do corpo e é mantida como a expressão-comunicação da apropriação da vida cotidiana, a questionar fronteiras das culturas associadas à nossa sociedade, para comunicar e/ou expressar algo relevante aos atuais acontecimentos.

Pensar em *performance* é pensar na vida social e cotidiana, passível de receber treinamento, um elemento corporal que possui plasticidade, um comportamento restaurado a partir de uma experiência de vida, com drama social e/ou estético, em que o espectador performa em sua imaginação juntamente com o *performer* que observa. De acordo com Victor Turner:

A experiência se completa através de uma forma de “expressão”. *Performance* – termo que deriva do francês antigo *parfournir*, “completar” ou “realizar inteiramente” – refere-se, justamente, ao momento da expressão. A *performance* completa uma experiência.



Porém, o que se entende por completar? Essencial à *performance* – e, aqui, também recorremos a Turner – é a sua abertura. Ou, em outros termos, o seu não-acabamento essencial (DAWSEY, 2006, p. 22).

As aulas de *performance* podem ser um início para percorrer os entremeios para abordar essas questões, tratando-as como parte constitutiva de um indivíduo, levando a perceber que cada ser é construído por características individuais, conhecendo e reconhecendo o outro pelas suas diferenças e capacidades pertinentes a cada um.

Num momento em que muito se fala sobre o papel da arte e dos movimentos sociais na sociedade, podemos destacar inúmeros artistas que trabalham com a questão da identidade e da alteridade. Como, por exemplo, Marcelo D’Avilla<sup>4</sup>, Orlan<sup>5</sup>, Julio Soares<sup>6</sup>, Popo<sup>7</sup>, entre outros, que lutam para colocar em curso tais questões.

Intrínseco à *performance*, há a questão da performatividade, que está ligada à forma na qual nos posicionamos diante dos fatos. Ao acordar pela manhã, por exemplo, esquematizamos tudo o que iremos fazer ao longo do dia, bem como os gestos e signos que reproduziremos, portanto o modo de falar e agir também são atos performativos.

A performatividade está em todos, todos somos seres performativos diante do outro, assim como a forma que nos vestimos ordenam a ordem performativa. É de caráter criado, pois tem relação com a máscara que utilizamos para determinadas situações e momentos do nosso cotidiano (como me relaciono com uma pessoa, converso com outra e me apresento diante de outra). Essas relações mostram um sujeito fictício, sendo que não estamos sendo autênticos na maior parte do dia, sem personagens criados para socializarmos melhor.

As *drag queens*, por exemplo, são personas performativas, pois são personagens criadas para se apresentar para o mundo. Essas personagens são identificadas a partir de suas maquiagens artísticas, roupas diferentes de seu sexo anatômico, acessórios, modos de agir, falar e se portar diante dos outros, apresentam também com uma forma de expressão de gênero.

---

<sup>4</sup> Marcelo D’Avilla é um artista *performer* e bailarino, radicado em São Paulo, vem desde 2003 desempenhando ações que discutem as identidades e as diversas facetas da sexualidade.

<sup>5</sup> Orlan é uma artista francesa, que utiliza seu corpo como suporte para construções e reconstruções físicas, através de cirurgias plásticas. Destinando-se ao status do corpo, a que este foi elevado por décadas pelo homem, sobretudo o corpo da mulher, na sociedade e as pressões exercidas sobre ele.

<sup>6</sup> Julio Soares é artista *performer*, desde 2015 desempenha ações que refletem à beleza, o corpo, identidades e sexualidade. Em busca de desfeticizar o corpo humano, do qual o homem o exaltou por décadas.

<sup>7</sup> Pseudônimo de Priscilla Reinert, artista visual, fotografa e designer brasileira, radcada em Boston, Massachusetts. Seus trabalhos possuem ênfase no corpo volumoso, em estudos de autorretrato.



### Considerações Finais

Os grupos e contextos aos quais o sujeito vai se inserindo, influem diretamente nessa apropriação, a partir do momento em que o sujeito vai construindo sua identidade, construindo e desconstruindo seus posicionamentos e trejeitos a partir dos contextos transitados por ele. Podemos encarar o ser como um sujeito fictício, dizendo, hipoteticamente, que há muito tempo houve um sujeito original, e hoje nos tornamos representações desse sujeito vistos pela sociedade. Nossos costumes, posicionamentos e as relações interpessoais mudam a cada minuto diante dos fatos, contextos e indivíduos com as quais socializamos. Para cada ambiente ou pessoa acabamos por transpor diversas personas das quais acreditamos ser a mesma, mas inconscientemente incorporamos algo a mais em nossos costumes para socializar com o outro.

A forma pela qual você se porta no seu ambiente de trabalho muda ao encontrar um familiar, um amigo ou um desconhecido, dando indicações de que o sujeito possui uma identidade para cada contexto social ou talvez, múltiplas personalidades.

A *performance* possibilita ao artista obter contato direto com o público, fazendo com que tenha resposta imediata da ação. Obter um entendimento lógico ou não do que acabou de ser visto não importa, ela abrirá a percepção dos espectadores para outros canais de entendimento, perceptivos, cinestésicos, emergindo sensações e reflexões subjetivas dos espectadores. Essas reflexões partem de uma fruição estética que pode facilmente ser apreciada, quanto mais filmes, visitas em espaços culturais, exposições, músicas, apresentações, leituras o indivíduo consumir.

Esta pesquisa ainda está em fase de desenvolvimento, contendo aqui apenas um fragmento do conteúdo que está sendo elaborado a cerca de dois anos. Juntando peças como num quebra-cabeça a partir de fragmentos da pesquisa de conclusão de curso e outras que já encontravam-se em desenvolvimento.

### Referências

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**: criação de um tempo-espço de criação. São Paulo: Perspectiva, 1987.

DAWSEY, John C. Turner. Benjamin e antropologia da performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas. CAMPOS - **Revista de Antropologia Social**, v. 7, n. 2, 2006.

FÉRAL, Josette. **What is left of performance art? Autopsy of a Function, Birth of a Genre**. Discourse - **Journal for theoretical Studies in Media and Culture**. Spring, 1992.



LARAIA, R.B. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.